

Cidades

FOTOS: RODRIGO GAVINI/AT



A RUA SETE, NO CENTRO, tem pouco movimento atualmente. A escada rolante, que foi a primeira do Estado, já não funciona mais. A aposentada Graça diz que "o lugar era lindo"

Do sucesso ao abandono

A Rua Sete, no Centro, já foi ponto de encontro. Hoje, moradores e comerciantes reclamam da falta de infraestrutura

Marianna Aguiar

A rua Sete de Setembro, localizada no centro de Vitória, já foi ponto de encontro de jovens e intelectuais, local badalado e cheio de lojas. Atualmente, moradores e comerciantes locais reclamam do abandono e da falta de investimento do poder público. Inicialmente chamada de rua da Várzea, ela virou Sete de Setembro em 1922, por ordem do prefeito da época, Antônio Pereira Lima, para comemorar o centenário da Independência do Brasil, conforme explica o professor do departamento

de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), André Malverdes.

Ele conta que a prefeitura tinha sede lá, com entrada pela praça Ubaldo Ramalheite Maia.

Residiram na rua as famílias Abaurre, Crijó, Proença, Pacheco, Pinto e Maurer, além do historiador Mário Aristides Freire e o arquiteto André Carloni.

"Havia o bonde, que passava por lá e ligava Jucutuquara a Vila Rubim. Era um local de status, onde moravam grandes famílias. Existia a lanchonete Sete, onde os homens se reuniam no final da tarde para conversar e discutir política."

Para André, falta na região uma política cultural mais audaciosa, que promova uma revitalização.

A Rua Sete também recebeu a primeira escada rolante do Estado, dentro da galeria Antares, chamada hoje de Shopping Sete. A novidade, que era um point para os jovens, não funciona mais.

A aposentada Graça Andreata, 62, diz que a rua era um lugar lindo e gostoso de viver. A casa onde morava ficava no lugar da galeria e, do lado, existia uma delegacia.

"A prefeitura era na Praça do Trabalho (hoje, praça Ubaldo Ramalheite Maia). Os verdureiros passavam vendendo produtos pela rua."

A aposentada Amélia da Penha Nunes, 70, mora há 32 no local e diz que tudo se concentrava ali.

"Quem morava na rua Sete era milionário. As pessoas achavam muito chique. Havia as melhores boutiques de roupas, além de armários, papelaria e joalherias."

Dona Amelinha, como é conhecida, relembra o Britz Bar, onde intelectuais e artistas se reuniam.

Ela diz que, com o tempo, a rua foi esvaziando e agora está um caos. "Está abandonada. As calçadas estão cheias de buracos. Não tem uma praça de lazer, nem um lugar para levar a família."



FOTO ANTIGA mostra a construção de canteiros na Rua Sete

Falta iluminação e segurança

Os moradores da rua Sete e arredores reclamam de diversos problemas, como pavimentação, falta de iluminação adequada, segurança e falta de atividades culturais.

O presidente da Associação de Moradores do centro de Vitória, Vinícius Simões, conta que eles também reivindicam uma feira livre aos sábados, na praça Ubaldo Ramalheite, semelhante às que acontecem nos bairros Jardim da Penha e Jardim Camburi.

"A iluminação não é adequada e acontecem muitos assaltos. Falta sinalização histórica e projetos de

cultura para o local", acrescenta.

O agenciador de marcas e patentes Ailton Farias Júnior, 50, que mora há 25 anos na rua, conta que quando as lojas fecham, ninguém fica na rua por medo. Além disso, ele relata que a praça tem muito lixo, pessoas que pedem dinheiro e consomem drogas.

Já o servidor público Antônio Carlos Farias, 54, diz que os idosos têm dificuldade de locomoção.

"Eles caem porque a via é desnivelada em vários lugares e com paralelepípedos soltos. Quando chove, piora tudo."

Projeto só para a calçada

A Prefeitura de Vitória anunciou que vai melhorar o calçamento da praça Ubaldo Ramalheite, mas o projeto está em fase de captação de recursos. As pedras portuguesas soltas também serão recuperadas.

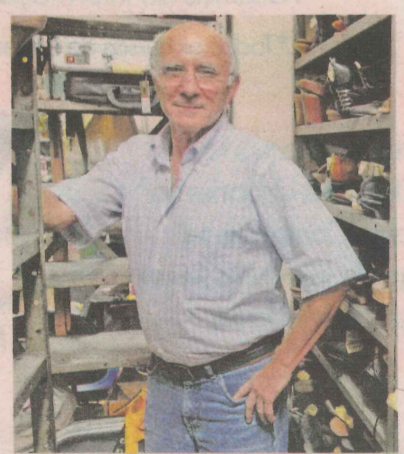
Informou ainda, por meio da assessoria de imprensa, que recebeu a demanda dos moradores para a feira livre e que a viabilidade de implantação está em análise.

Segundo a Secretaria de Transportes e Infraestrutura Urbana, a questão da sinalização turística es-

tá em fase de licitação. A secretaria solicitou que fosse feita uma visita técnica ao local para propor melhorias na iluminação.

Em relação aos projetos culturais, a Secretaria de Cultura informou que a rua já está sendo contemplada por atividades que acontecem na região, como na Fafi, no Teatro Carlos Gomes e na praça Costa Pereira. No início do próximo mês, a praça Ubaldo Ramalheite vai receber a exposição "Além da Paisagem".

HISTÓRIAS DE COMERCIANTES



Fantasia
A loja de fantasia Casa Costa funciona há 30 anos na Rua Sete e virou referência no ramo. O negócio começou com a família da mulher do comerciante Carlos Serafim, 55 anos. "O point era na Rua Sete. Os bairros eram pequenos e todo mundo vinha comprar no Centro", disse.

Direto da China
A dona da Loja Oriental, Juliana Huang, 27, representa a terceira geração da família com o negócio na Rua Sete. Seu avós migraram de Taiwan, na China, para o Estado, nos anos 70. "Aqui é alugado, mas o ponto sempre foi da família. Fomos os primeiros e agora únicos - com artigos orientais. Como não havia importação, o negócio era muito movimentado."

Consertando sapato
O comerciante João Julião Filho, 65, é dono da Sapataria a Jato há mais de 40 anos na rua e mantém a mesma caixa registradora. Ele conta que viu o apogeu e a crise atual. "Tenho clientes de todo lugar da cidade. O bonde costumava passar aqui na porta", disse.